

# 5.º Congresso do Neolítico Peninsular

VICTOR S. GONÇALVES  
MARIANA DINIZ  
ANA CATARINA SOUSA  
eds.



# 5.º Congresso do Neolítico Peninsular

## Actas

Faculdade de Letras  
da Universidade de Lisboa  
Casa das Histórias Paula Rego  
7-9 Abril 2011





# 5.º Congresso do Neolítico Peninsular

Actas

Faculdade de Letras  
da Universidade de Lisboa  
Casa das Histórias Paula Rego  
7-9 Abril 2011

VICTOR S. GONÇALVES  
MARIANA DINIZ  
ANA CATARINA SOUSA, eds.



FLUL  
FACULDADE  
DE LETRAS  
UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



## estudos & memórias

Série de publicações da UNIARQ  
(Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)  
Direcção e orientação gráfica: Victor S. Gonçalves

8.  
GONÇALVES, V.S.; DINIZ, M.; SOUSA, A. C., eds. (2015), 684 p.  
*5.º Congresso do Neolítico Peninsular. Actas*. Lisboa:  
UNIARQ.

Capa, concepção e fotos de Victor S. Gonçalves.  
Pormenor de uma placa de xisto gravada da Anta  
Grande da Comenda da Igreja (Montemor o Novo).  
MNA 2006.24.1. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.

Paginação e Artes finais: TVM designers

Impressão: Europress, Lisboa, 2015, 400 exemplares

ISBN: 978-989-99146-1-2

Depósito Legal: 400 321/15

Copyright ©, os autores.

*Toda e qualquer reprodução de texto e imagem é interdita, sem a expressa autorização do(s) autor(es), nos termos da lei vigente, nomeadamente o DL 63/85, de 14 de Março, com as alterações subsequentes. Em powerpoints de carácter científico (e não comercial) a reprodução de imagens ou texto é permitida, com a condição de a origem e autoria do texto ou imagem ser expressamente indicada no diapositivo onde é feita a reprodução.*

Lisboa, 2015.

Volumes anteriores de esta série:

1.  
LEISNER, G. e LEISNER, V. (1985) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz. estudos e memórias*, 1. Lisboa: Uniarch.
2.  
GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. 2 Volumes. estudos e memórias, 2. Lisboa: CAH/Uniarch/INIC.
3.  
VIEGAS, C. (2011) – *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. estudos e memórias 3. Lisboa: UNIARQ.
4.  
QUARESMA, J. C. (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)*. estudos e memórias 4. Lisboa: UNIARQ.
5.  
ARRUDA, A. M. ed. (2013) – *Fenícios e púnicos, por terra e mar*, 1. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, estudos e memórias 5. Lisboa: UNIARQ.
6.  
ARRUDA, A. M. ed. (2014) – *Fenícios e púnicos, por terra e mar*, 2. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, estudos e memórias 6. Lisboa: UNIARQ.
7.  
SOUSA, E. (2014) – *A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo*. estudos e memórias 7. Lisboa: UNIARQ.

# O Sector B do Habitat do Ameal-VI e o Neolítico Final da Beira Alta

■ JOÃO CARLOS DE SENNA-MARTINEZ<sup>1</sup>, ELSA VERÓNICA PENAS LUÍS<sup>2</sup>

**RESUMO** O Habitat do Ameal-VI (Carregal do Sal, Viseu) foi o primeiro sítio de habitat correlacionável com a fase de apogeu do megalitismo beirão a ser descoberto em 1987 (Senna-Martinez, 1995/1996). O seu Sector B, com vestígios de várias estruturas habitacionais, foi intervencionado entre 1999-2001 e em 2006. Apresenta-se aqui uma primeira síntese interpretativa dos resultados obtidos enquadrando-a no que hoje é conhecido sobre o Neolítico Final regional.

**Palavras-chave:** Neolítico Final, Beira Alta, habitat.

**ABSTRACT** The habitat site of Ameal-VI (Carregal do Sal, Viseu) was the first of such sites to be discovered (in 1987) and linked to the apogee of Central Portugal Megalithism (Senna-Martinez, 1995/1996). The Sector B of this site, encompassing several structures of domestic character, was excavated between 1999-2001 and again in 2006. We present here a first interpretative synthesis of the data obtained and discuss its place in the regional Late Neolithic.

**Keywords:** Late Neolithic, Central Portugal, settlement.

## O sítio, o seu enquadramento e contextos

O Habitat do Ameal-VI (Fig. 1) situa-se no pequeno planalto, parte do interflúvio entre o Mondego e o Dão, limitado a sudoeste pelo vale do primeiro daqueles rios e a noroeste pela ribeira de Cabanas ou do Boi. Localiza-se na Freguesia de Oliveira do Conde, Concelho de Carregal do Sal

O Habitat do Ameal VI fica a cerca de 600 m a ocidente da Orca dos Fiais da Telha, na vertente suave que é sobranceira à baixa onde se situam as Orcas 1 e 2 de Oliveira do Conde, da primeira das quais dista cerca de 1300 m. No topo do interflúvio, entre o habitat e a Orca dos Fiais e, respectivamente, a cerca de 125 m e 150 m deste, ficam dois pequenos monumentos megalíticos, as Orcas 1 e 2 do Ameal.

Foi descoberto em 1987 quando se procedeu ao reconhecimento e prospecção de uma série de talhões recém-plantados com pinhal, onde, trazidos à superfície pela lavra profunda efectuada, diversos materiais indicavam a presença de um sítio arqueológico atribuível ao Neolítico.

Os trabalhos iniciados em 1987 e continuados em 1988, 1989, e 1991 incidiram, na sua maior parte, sobre a faixa ocupada pelo estradão (Sector A - Fig. 1b), única área poupada pelas garras das máquinas utilizadas na preparação do terreno para o plantio do pinhal nos talhões que a enquadram (Senna-Martinez, 1995/1996.).

A intervenção abrangeu um total de 165 m<sup>2</sup> ao longo de 41 m do estradão. Tendo revelado os pisos de três habitações - *Cabanas 1 a 3* - das quais apenas a primeira e a última se apresentavam bem conservadas.

O Sector B (Fig. 1b) - Uma segunda série de intervenções ocorreu em 1999, 2000, 2001 e 2006 incidindo sobre um segundo sector (Sector B) localizado aproximadamente 60 m a sul da Cabana 1 do Sector A.

Neste sector e de modo semelhante ao verificado no Sector A pudemos escavar uma área total de 89 m<sup>2</sup> correspondendo a quatro pisos de cabanas, cortados pelas garras da máquina que preparou o plantio de pinheiros mas reconhecíveis pelos respectivos pisos de argila atravessados por buracos de poste. Os quatro - as *Cabanas 1 a 4* - foram integralmente expostos.

Uma vez que as unidades estratigráficas (UEs) que definem os pisos de cabana são constituídas de forma similar por «camadas lenticulares» mais espessas nas zonas centrais e muito finas na periferia e é impossível - na ausência de elementos datáveis como no caso das *Cabanas 1 e 3* do Sector A - diferenciar os respectivos episódios de utilização, configurando uma estratigrafia horizontal, optámos por tratar o conjunto de UEs que ocupam cada uma destas áreas, incluindo os remeximentos das valas que as cortam, como parte de um único conjunto atribuído à respectiva «cabana», assim pensada como reflectindo uma única etapa de utilização, conquanto de duração indefinida embora restrita.

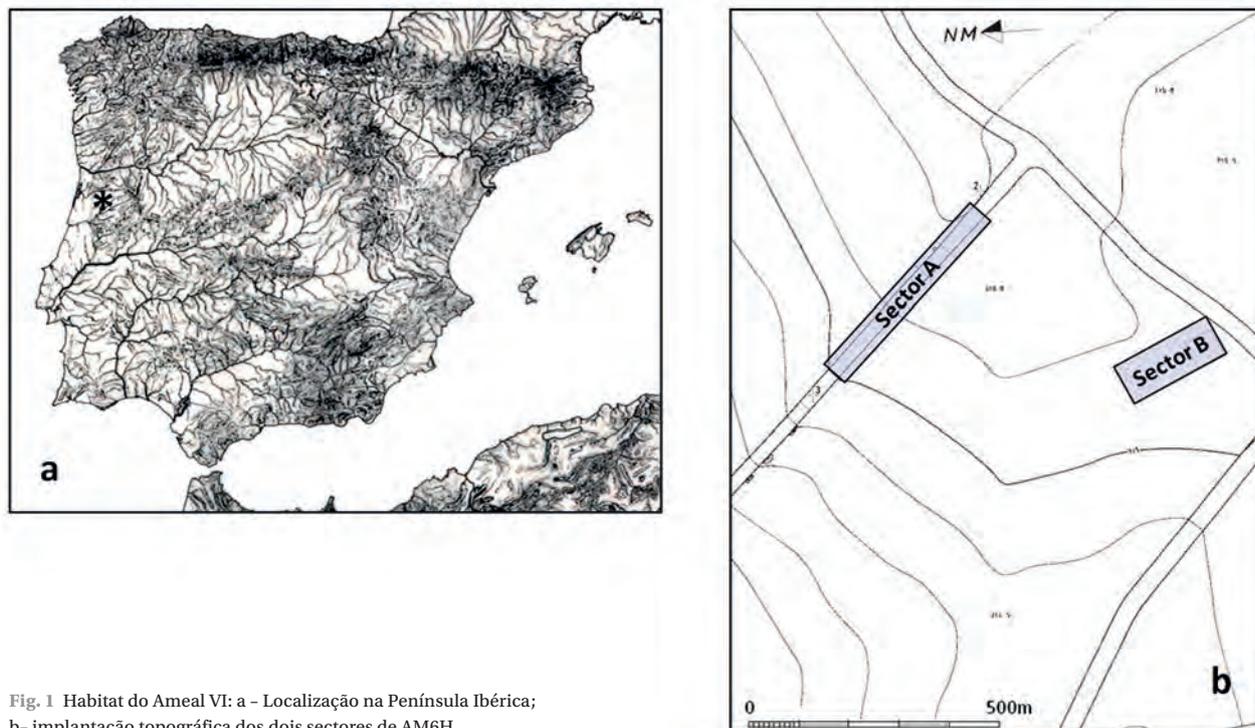


Fig. 1 Habitat do Ameal VI: a - Localização na Península Ibérica; b- implantação topográfica dos dois sectores de AM6H.

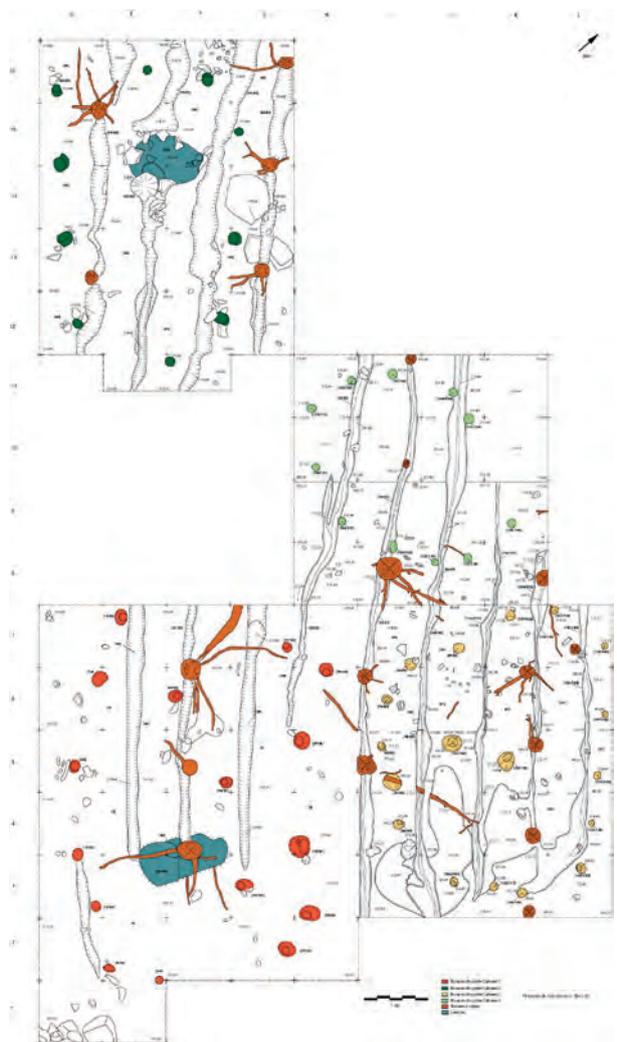


Fig. 2 Planta do conjunto das estruturas identificadas no Sector B do habitat do Ameal-VI.

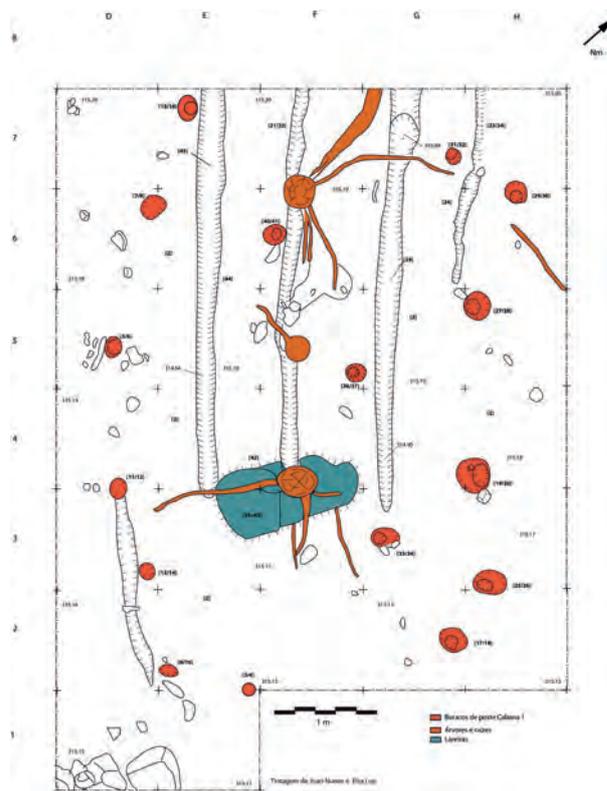


Fig. 3 Planta da Cabana 1 do Sector B do habitat do Ameal-VI.



Fig. 4 Fragmentos de alabarda em sílex fracturados termicamente provenientes da lareira da Cabana 1.

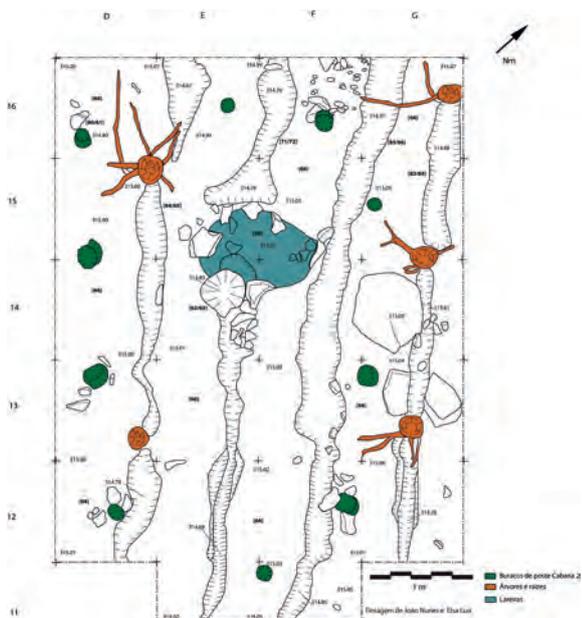


Fig. 5 Planta da Cabana 2 do Sector B do habitat do Ameal-VI.

As Cabanas 1 a 4 (Fig. 2) do Sector B apresentam plantas grosseiramente elipsoidais, algo mais regulares que as suas congéneres do Sector A com, respectivamente, 6 m x 3 m, 4,5 m x 2,5 m, 4 m x 3,5 m e 3 m x 2,5 m. A primeira é limitada por 13 buracos de poste e possui outros três no seu interior dispostos aproximadamente de nor-noroeste para su-sueste; a segunda é limitada apenas por 10 e não identificámos nenhum interior; a terceira é limitada por 16 buracos de poste com 2 interiores; enquanto a quarta é limitada por 11 buracos de poste sem que tenhamos identificado nenhum interior.

A Cabana 1 (Fig. 3) revelou uma lareira em fossa simples, preenchida por uma «caixa térmica» pétrea, incluindo restos de moventes e dormentes em granito e percutores em quartzo, ocupando um dos focos da respectiva elipse. Do seu interior provêm diversos fragmentos de uma alabarda em sílex fracturada por acção térmica (Fig. 4). A Cabana 2 (Fig. 5) apresenta uma lareira organizada de modo a aproveitar uma laje granítica para o fundo e, encaixado no seu lado sul e parcialmente enterrado numa pequena fossa de modo a ficar com o bocal um pouco acima da superfície do terreno, um globular de grandes dimensões que poderá ter desempe-

nhado funções como «assador» semelhante aos silos do Sector A de que não conhecemos equivalente no conjunto de estruturas identificadas no Sector B.

Podemos afirmar que os dados obtidos pela escavação das estruturas do Sector B, não obstante não tenha sido possível, até ao momento, aí recolher qualquer amostra passível de datagem radiocarbónica, confirmaram de um modo geral os resultados obtidos com a escavação do Sector A.

## Os materiais

### A Olaria<sup>3</sup>

O conjunto de olaria recolhido nos quatro contextos habitacionais permitiu identificar um número mínimo de 208 recipientes, dos quais 162 permitem atribuição de forma e 42 permitiram reconstituição gráfica integral. Na Tabela 1 apresenta-se a distribuição destes valores pelos contextos estudados.

Tabela 1 Amostras de olaria das Cabanas do Sector B do habitat do Ameal-VI

Contexto	NMI	Ndb	NF	Ri
Cabana 1	105	74 (70,5%)	76 (72,4%)	29 (27,6%)
Cabana 2	30	23 (76,6%)	23 (76,6%)	8 (26,6%)
Cabana 3	63	53 (84,1%)	53 (84,1%)	11 (17,5%)
Cabana 4	10	10 (100%)	10 (100%)	3 (30%)
Total	208	160 (76,9%)	162 (77,9%)	42 (20,2%)

NMI- N.º mínimo de indivíduos; Ndb- N.º de indivíduos com diâmetro de bocal; NF- N.º de indivíduos com determinação de forma; Ri- N.º de indivíduos com reconstituição gráfica integral.

Os contextos com maior número de recipientes são inequivocamente as cabanas 1 e 3. No entanto, todos os conjuntos apresentam um bom estado de preservação dos materiais cerâmicos atendendo às altas percentagens de cálculo de diâmetro interno, número de formas atribuídas e reconstituição integral.

Na Tabela 2 encontra-se sintetizada a dispersão de formas por tipos e subtipos (Fig. 6) para cada um dos contextos considerados.

Como é frequente para os contextos habitacionais conhecidos para a época, a distribuição das formas apresenta um predomínio das formas abertas, as *Taças* e as *Tigelas*, nas quais se destaca o gosto por *taças hemi-elipsoidais* e em *calote* e por *tigelas hemi-elipsoidais* e *parabolóides*, adequadas para preparação e consumo de alimentos. Os diâmetros destes dois tipos de recipientes centram-se entre os 15 e 30 cm, indicando a existência de taças e tigelas de pequeno e médio tamanho, ideais quer para utilização individual no consumo de alimentos, quer para consumo colectivo ou «serviço de mesa».

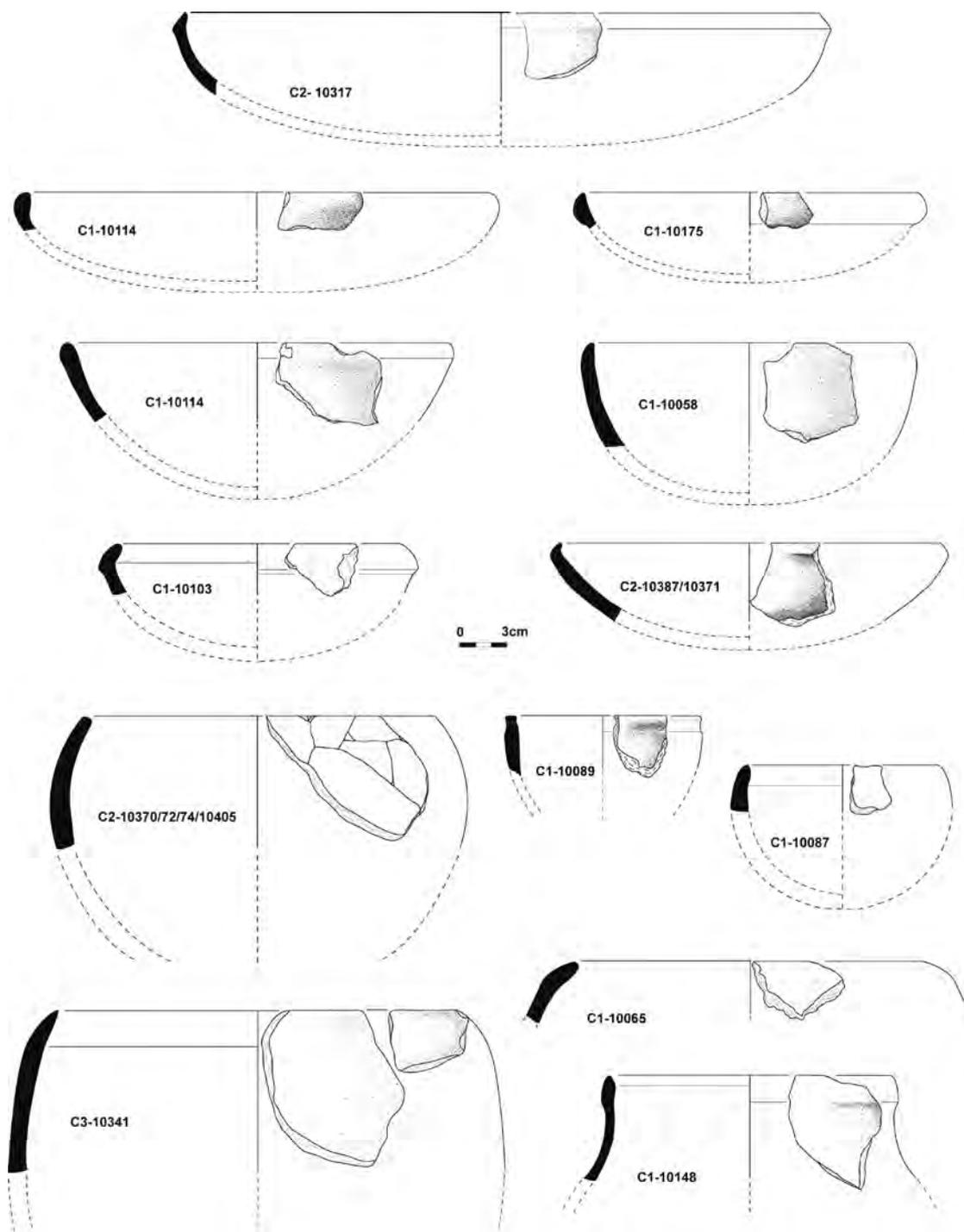


Fig. 6 Principais Formas cerâmicas do Sector B do habitat do Ameal-VI.

As formas fechadas são também significativas no conjunto, representadas sobretudo pelos *Esféricos* e *Globulares*, com destaque para os esféricos *simples* e para os globulares de *colo baixo* e de *colo troncocónico*. Esta categoria de recipientes está tradicionalmente associada à armazenagem de líquidos. Em sentido oposto, os *pratos*, as *taças carenadas*, as *tigelas fundas de pequena dimensão* e o *vaso fundo tipo sacco* são claramente minoritárias.

Se esta distribuição formal é semelhante nas cabanas 1, 3 e 4, a cabana 2 apresenta algumas variações percentuais. De facto, a representatividade das formas parece mais equitativa neste contexto, no qual a anterior diferença sig-

nificativa entre *pratos / taças carenadas* e *taças / tigelas* se apresenta aqui menos marcada.

No que diz respeito às pastas, verificou-se uma grande semelhança nos recipientes das cabanas 1, 3 e 4. A consistência é maioritariamente compacta; a textura apresenta-se quase sempre xistosa e a cozedura é predominantemente redutora. Tal como no repertório formal, a cabana 2 destaca-se pela diversidade de características. Assim, a consistência é compacta em 45% dos casos e média em 40%; a textura é xistosa em 65% dos casos e arenosa em 30%; a cozedura é maioritariamente oxidante (60%), seguida de redutora (30%). Os elementos

**Tabela 2 Tipos e sub-tipos de olaria por cabana**

Tipo	Cabana 1	Cabana 2	Cabana 3	Cabana 4	Total
1.1 Prato de lábio invertido	1	1	0	0	2
1.2 Prato hemi-elipsoidal	1	1	3	0	5
1.3 Prato carenado	1	1	0	0	2
1.4 Prato em Calote	0	0	1	0	1
1.5 Prato bordo espessado	2	1	1	0	4
<b>1-Total</b>	<b>5 (6,6%)</b>	<b>4 (16,6%)</b>	<b>5 (9,4%)</b>	<b>0 (0%)</b>	<b>14</b>
2.1 Taça de lábio invertido	2	1	4	0	7
2.2 Taça funda	1	0	2	0	3
2.3 Taça hemi-elipsoidal	12	1	2	2	17
2.4 Taça hemi-elipsoidal funda	7	2	1	1	11
2.5 Taça em calote	13	2	13	4	32
2.6 Taça parabólica	1	0	0	0	1
<b>2-Total</b>	<b>36 (47,4%)</b>	<b>6 (25%)</b>	<b>22 (41,5%)</b>	<b>7 (70%)</b>	<b>71</b>
<b>3.1 Taça baixa de carena alta</b>	<b>3 (3,9%)</b>	<b>3 (12,5%)</b>	<b>0 (0%)</b>	<b>0 (0%)</b>	<b>6</b>
4.1 Tigela hemi-elipsoidal	5	3	3	0	11
4.2 Tigela Parabolóide	5	0	2	1	8
4.3 Tigela subesférica	1	0	3	0	4
<b>4-Total</b>	<b>11 (14,5%)</b>	<b>3 (12,5%)</b>	<b>8 (15,1%)</b>	<b>1 (10%)</b>	<b>23</b>
5.1 Esférico simples	6	6	6	0	18
5.2 Esférico de bordo exvertido	0	0	1	0	1
<b>5-Total</b>	<b>6 (7,9%)</b>	<b>6 (25%)</b>	<b>7 (13,2%)</b>	<b>0 (0%)</b>	<b>19</b>
6.1.2 Globular de colo vertical	0	0	1	0	1
6.2 Globular de colo baixo	5	1	0	0	6
6.3 Globular de colo troncocónico	5	0	3	1	9
6.4 Globular de colo estrangulado	1	0	0	0	1
6.5.2 Globular de colo estrangulado com mamilo	0	0	1	0	1
<b>6-Total</b>	<b>11 (14,5%)</b>	<b>1 (4,2%)</b>	<b>5 (9,4%)</b>	<b>1 (10%)</b>	<b>18</b>
8.1 Esférico achatado	1	0	2	0	3
8.2 Globular achatado	2	0	0	0	2
<b>8-Total</b>	<b>3 (3,9%)</b>	<b>0</b>	<b>2 (3,8%)</b>	<b>0</b>	<b>5</b>
<b>11.1 Tigela funda de pequena dimensão</b>	<b>0 (0%)</b>	<b>0</b>	<b>1 (1,9%)</b>	<b>1 (10%)</b>	<b>2</b>
<b>13.2 Vaso fundo tipo saco</b>	<b>1 (1,3%)</b>	<b>1 (4,2%)</b>	<b>3 (5,7%)</b>	<b>0 (0%)</b>	<b>0</b>
<b>TOTAL</b>	<b>76 (100%)</b>	<b>24 (100%)</b>	<b>53 (100%)</b>	<b>10 (100%)</b>	<b>163</b>

não plásticos são, em todos os contextos, de pequeno ou médio tamanho e pouco frequentes ou frequentes. Por último, apenas foram identificados alisados simples como tratamento de superfície.

Em todo o conjunto não foi identificado um único fragmento decorado.

Tendo presente os dados do Sector A do sítio aqui considerado (Senna-Martinez, 1995/1996, p. 92-95), pode-

mos reafirmar que ambos os sectores pertencerão ao mesmo ambiente cultural, senão genericamente contemporâneo. De facto, e olhando aqui exclusivamente para o conjunto de olaria, as semelhanças são evidentes: ambos os conjuntos apresentam uma distribuição formal no qual se privilegiam as formas abertas, com as taças na ordem dos 30-40% em ambos os casos, as tigelas com valores entre 14-15% no Sector B e entre 14-30%

no Sector A; e nos dois contextos as formas fechadas, tradicionalmente associadas à contenção de líquidos, ocupam um lugar secundário mas não menos representativo, como comprovam os globulares, representados em cerca de 5-20%, e os esféricos, compreendidos entre 10-25% dos recipientes identificados. Também no Sector A verificamos a pouca expressividade dos pratos e das taças carenadas.

A análise das pastas efectuada aos fragmentos do sector B não traz diferenças significativas quanto à caracterização tecnológica dos recipientes. No Sector A as pastas são maioritariamente compactas e de textura xistosa, com elementos não plásticos relativamente abundantes com alguns de calibre grosseiro, constituindo esta última a principal diferença entre os dois sítios.

### A Indústria lítica<sup>4</sup>

Os materiais líticos provenientes das quatro «cabanas» totalizam 306 registos dos quais 133 pertencem à Cabana 1 e 121 à Cabana 3, únicos conjuntos passíveis de análise mais aprofundada (Tabela 3). Sendo natural que a amostra da Cabana 4 seja menor por se tratar de um caso de escavação apenas parcial do respectivo chão ou piso, no caso da Cabana 2, integralmente escavada, a escassez da indústria lítica suscita outras reflexões.

Um aspecto generalizável aos quatro conjuntos é o facto da baixa proporção dos utensílios no total dos materiais talhados identificados, em comparação com a frequência elevada dos subprodutos de talhe e mesmo dos suportes, evidenciar talhe local como uma das actividades desenvolvidas neste habitat. No caso de Cabana 3 isto é ainda mais claro uma vez que 32 elementos classificados entre os utensílios dizem respeito aos fragmentos, evidenciando fractura térmica, de uma única provável alabarda depositada dentro da caixa térmica da respectiva lareira.

Ao contrário do que verifica nas Cabanas do Sector A (Senna-Martinez, 1995/1996: p. 96-98) a matéria-prima aqui predominante é o quartzo (principalmente sob a variedade de quartzo leitoso – cf. Tabela 4)<sup>5</sup>. O mesmo transparece na pouca representatividade dos suportes alongados simples ou transformados, seja de maior dimensão, vulgo lâminas (7 em sílex, 1 em calcário silicificado, 1 em grauaque e quatro em quartzo leitoso), ou das lamelas em que das 13 ocorrências apenas duas são de sílex. Outro indicador no mesmo sentido vem da predominância das lascas como suporte ou produto de talhe todas produzidas em quartzo.

A indústria lítica talhada das Cabanas 1 e 3 sugere uma economia de talhe em que se combinam: a utilização de escassos suportes alongados em sílex, provavelmente importados, cujo elevado grau de fragmentação e transformação sucessiva pressupõe uma utilização até quase à exaustão; o talhe local de pequenos nódulos sobretudo de quartzo, para a produção de algumas lamelas mas,

principalmente, de lascas utilizadas tal qual ou transformadas em raspadores, buris, furadores e *tranchets*; finalmente a utilização de prismas de quartzo permitiu o fabrico expedito de U.A.D.

Também no que se reporta à pedra polida algumas diferenças separam os dados deste sector em relação às Cabanas 1 e 3 do Sector A. Enquanto neste último caso se contam por mais de três dezenas os restos, normalmente de grandes dimensões, de dormentes de mó em granito (Senna-Martinez, 1989), no Sector B apenas recolhemos evidência de sete, a que se devem adicionar 12 moventes. Com a agravante de que, neste caso, falamos de 4 estruturas habitacionais, contra duas no primeiro caso.

No que respeita aos instrumentos cortantes em pedra polida quer as duas enxós (Cabanas 2 e 3) quer os seis fragmentos de anfibolito polido são semelhantes aos provenientes do Sector A.

As três «lascas de gume» recolhidas evidenciam a utilização local deste tipo de artefactos pois provavelmente resultam de acidentes de uso. Pela sua assimetria devem provir de enxós. As três lascas restantes podem provir igualmente de acidentes de uso ou de reavivamento de utensílios danificados.

No capítulo dos «não-artefactos» ou «manuportes» temos a referir um conjunto de 16 percutores em quartzo distribuídos pelas Cabanas 1, 2 e 3 e a presença igualmente regular de seixos rolados, 54 no total, dos quais 7 são em quartzito, 23 em quartzo e 24 são em xisto. Dez dos seixos de xisto e um de quartzito evidenciam uso como polidores ou alisadores, provavelmente de olaria.

### Os dados do Sector B do Habitat do Ameal-VI no âmbito regional

Os conjuntos de olaria estudados no âmbito do Neolítico Final da Bacia do Mondego não são muito numerosos (Senna-Martinez e Ventura, 2008, p. 342). Aos contextos funerários conhecidos e estudados<sup>6</sup> juntam-se os conjuntos em contexto habitacional das Cabanas 1 e 3 do Sector A do Ameal-VI (NMI respectivamente 57 e 63), Cabana 1 do Murganho 2 (NMI=16) e Cabanas 1 e 2 da Quinta Nova (NMI respectivamente 19 e 20). (Senna-Martinez e Ventura, 2008, p.342)

Um primeiro aspecto a referir, de que os conjuntos aqui abordados não destoam, consiste na grande coerência formal de todos eles. Não só a frequência dos grandes grupos de Formas varia dentro de intervalos curtos (Senna-Martinez e Ventura, 2008, p.342), como as pastas mantêm uma grande uniformidade regional.

A simplicidade, melhor seria dizer ausência, decorativa, é a um tempo marcador cronológico generalizável à metade sul do espaço hoje português e indicativa de um carácter secundário desta enquanto marcador identitário que o Calcolítico verá alterar-se. De facto e para a nossa área de estudo, apenas alguns aspectos de detalhe das Formas e, nomeadamente, do bordo parecem distin-

**Tabela 3 Tipologia das indústrias líticas das Cabanas do Sector B do habitat do Ameal-VI**

	C1		C2		C3		C4		Total	
	NT	%	NT	%	NT	%	NT	%	NT	%
Ponta de seta	1	2	0		3	30			4	8
Alabarda frgm.	32	80	0		0	0			32	63
Buril	1	2	0		0	0			1	2
Raspador	1	2	0		1	10			2	4
Furador	0	0	1		0	0			1	2
Elemento de foice	1	2	0		2	20			3	6
Foice s/lâmina	2	5	0		2	20			4	8
Tranchet	1	2	0		1	10			2	4
UAD	1	0	1		1	10			3	6
<b>Total utensílios</b>	<b>40</b>	<b>39</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>10</b>	<b>11</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>52</b>	<b>25</b>
Lamelas	3	21	1		8	61			12	41
Lâmina	3	21	0		1	7	1		5	17
Lasca	8	57	0		4	30			12	41
<b>Total produtos de talhe</b>	<b>14</b>	<b>13</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>13</b>	<b>15</b>	<b>1</b>	<b>11</b>	<b>29</b>	<b>14</b>
Micro-buril prox.	0	0	0	0	1	1	0	0	1	1
Lasca cortical	7	14	1	12	4	6	0	0	12	9
Núcleo	7	14	2	25	4	6	2	25	15	11
Flanco de núcleo	7	14	1	12	10	16	2	25	20	15
Tabuinha de reavivagem núcleo	0	0	0	0	3	4	0	0	3	2
Resto de talhe	27	56	4	50	39	63	4	50	74	57
Total sub-produtos de talhe	48	47	8	72	61	72	8	88	125	61
<b>Total elementos talhados</b>	<b>102</b>		<b>11</b>		<b>84</b>		<b>9</b>		<b>206</b>	<b>100</b>
Dormente de mó	2	25	1		2	15	2		7	
Movente de mó	1	12	1		9	69	1		12	
Enxó	0	0	1		1	7			2	
Fragm. Anfibolito polido	2	25	0		1	7			3	
Fragm. Gume anfibolito polido	3	37	0		0	0			3	
<b>Total elementos polidos</b>	<b>8</b>		<b>3</b>		<b>13</b>		<b>3</b>		<b>27</b>	
Percutores	6		5		5				16	
Seixo rolado	13		11		19		10		53	
Termoclasto	4		0		0				4	
<b>TOTAL DE LÍTICOS</b>	<b>133</b>		<b>30</b>		<b>121</b>		<b>22</b>		<b>306</b>	

guir algumas peças regionais das suas congéneres estre-menhas e do sudoeste (Senna-Martinez, 1989).

A Plataforma do Mondego surge, durante o Neolítico, como uma área cultural em que o pouco investimento (ou desinvestimento) nos utensílios quotidianos é largamente compensado pelo investimento feito no universo funerário, desde a construção de monumentos megalíticos de grandes dimensões à qualidade dos depósitos artefactuais em que pontificam os elementos líticos talhados, na sua esmagadora maioria fabricados em sílex, provavelmente importado da Estremadura Atlântica.

Os únicos elementos simbólicos, arqueograficamente reconhecíveis em contexto habitacional, consistem na intencional deposição de alguns artefactos em estruturas de combustão:

- Nos casos dos silos-lareira das Cabanas 1 e 3 do Sector A do Ameal-VI respectivamente uma foice de encabamento transversal e um raspador distal, ambos em sílex, na primeira e uma enxó de anfibolito em cada um dos momentos de utilização no segundo caso;

**Tabela 4 Distribuição das matérias-primas das indústrias líticas das Cabanas do Sector B do habitat do Ameal-VI**

Matérias-primas	C1		C2		C3		C4		Total	
	NT	%	NT	%	NT	%	NT	%	NT	%
Sílex	39	29	1	3	10	8	2	9	52	16
Calcáreo silicificado	1	0		0		0		0	1	0
Quartzo	2	1		0	1	0		0	3	0
Quartzo leitoso	69	51	15	50	79	65	13	59	176	57
Quartzo hialino	6	4	1	3	4	3		0	11	3
Quartzo rosa	1	0	1	3	1	0		0	3	0
Quartzito	2	1	3	10	1	0	2	9	8	2
Grauvaque		0		0	1	0		0	1	0
Anfibolito	5	3	1	3	2	1		0	8	2
Xisto	4	3	6	20	10	8	3	13	23	7
Granito	4	3	2	6	12	9	2	9	20	6
<b>TOTAL DE LÍTICOS</b>	<b>133</b>		<b>30</b>		<b>121</b>		<b>22</b>		<b>306</b>	

- A deposição de uma foice repete-se na lareira da Cabana 1 da Quinta Nova;
- Na Cabana 1 do Sector B do Ameal-VI foi, da mesma forma, colocada uma alabarda em sílex entre a «caixa pétrea» da respectiva lareira;
- No lado sul da lareira complexa da Cabana 2 do Sector B do Ameal-VI foi «encastrado», numa fossa para o efeito aberta, um vaso globular de colo alto (Forma 6.1). Poderá ser uma colocação funcional (aquecer água ou torrar bolota?) mas não deixa de ser caso único.

No caso da Cabana 2 do Sector B do Ameal-VI, os dados da análise dos conjuntos artefactuais recuperados acrescentam alguns elementos também eles perturbadores. Na cerâmica não só o equilíbrio de formas se altera, como referimos atrás, como a predominância de pastas de cozedura oxidante contrasta com todos os restantes casos estudados da Plataforma do Mondego. O NMI identificado para iguais circunstâncias de escavação é também diminuto, menos de metade da Cabana 3 e quase um terço do da Cabana 1. A tudo isto há que adicionar a escassez da respectiva indústria lítica recuperada. O conjunto destes elementos poderá ser indicador de uma utilização particular deste espaço (eventualmente para reunião/residência diferenciada?), uma vez que a impossibilidade de datação e a clara continuidade do espectro da cultura material em relação às outras três estruturas complexas escavadas não parece indicar diferenciação cronológica.

No seu conjunto, os resultados obtidos pela escavação deste sector parecem, abrindo contudo algumas questões novas, permitir enquadrá-lo na restante realidade conhecida para o Neolítico Final regional.

Lisboa, Setembro de 2011

<sup>1</sup> Centro de Arqueologia (Uniarq). Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. 1600-214 Lisboa. Portugal. smartinez@fl.ul.pt

<sup>2</sup> Centro de Arqueologia (Uniarq). Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. 1600-214 Lisboa. Portugal. elsavluis@gmail.com

<sup>3</sup> A metodologia utilizada na análise da olaria segue os parâmetros definidos em Luís (2010).

<sup>4</sup> A metodologia de análise das indústrias líticas seguiu os parâmetros definidos em Senna-Martinez, 1989.

<sup>5</sup> O principal conjunto em sílex é o acima referido grupo de 32 fragmentos provavelmente pertencentes a uma única alabarda da Cabana 1. Mesmo no caso de outros artefactos complexos em termos de talhe, caso das pontas de seta bifaciais, apenas duas em quatro são de sílex contra seis em sete no Caso da Cabana 3 do Sector A (Senna-Martinez, 1995/1996: p.97, Quadro IV).

<sup>6</sup> Dólmen 1 dos Moinhos de Vento (NMI=76), Orca dos Fiais da Telha (NMI=28), Orca do Outeiro do Rato (NMI=13), Dólmen do Seixo da Beira (NMI=100), Dólmen da Sobreira (NMI=443) e Dólmen de S. Pedro Dias (NMI=26) cf. Senna-Martinez, 1989.

#### REFERÊNCIAS

LUÍS, E. (2010) – *A Primeira Idade do Bronze no Noroeste: O conjunto cerâmico da Sondagem 2 do Sítio da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiada.

SENNA-MARTINEZ, J.C. (1995-1996) – Pastores, recolectores e construtores de megálitos na Plataforma do Mondego no IV e III milénios AC: (1) O sítio de Habitat do Ameal-VI. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 3/4. Lisboa: Colibri, p. 83-122.

SENNA-MARTINEZ, J.C. (1989) – *Pré-História Recente da Bacia do Médio e Alto Mondego: algumas contribuições para um modelo sociocultural*. Tese de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, Faculdade de Letras de Lisboa, 3 Vols., policopiada.

SENNA-MARTINEZ, J. C. e VENTURA, J.M.Q. (2008) – Do mundo das sombras ao mundo dos vivos: Octávio da Veiga Ferreira e o megalitismo da Beira Alta, meio século depois. Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira. Estudos Arqueológicos de Oeiras. Oeiras: Câmara Municipal. 16, p. 317-350.